

A GUERRA COLONIAL PORTUGUESA EM ANGOLA NAS “CARTAS DA GUERRA”, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES¹

Pedro Beja Aguiar (PUC-Rio)²

Resumo: Este texto se organiza em torno da leitura e da análise de um conjunto de cartas escritas por António Lobo Antunes durante a sua permanência em missão militar, entre os anos de 1971 e 1973, na guerra colonial portuguesa em Angola. Essas cartas expõem um olhar particular sobre a guerra colonial, conjugando relatos de acontecimentos e situações de guerra, com paisagens e personagens marcadas pelo medo e pela angústia. Ao articular impressões e registros sistematicamente rasurados na coesa narrativa dos aparelhos de comunicação do Estado, compondo, assim, um quadro dissonante, podemos destacar registros referentes às oscilações entre a consciência do tempo da comissão e o tempo da escrita nas cartas.

Palavras-chave: António Lobo Antunes; Guerra colonial em Angola; Cartas de Guerra.

O livro *D’ Este Viver Aqui Neste Papel Descripto. Cartas da Guerra* (2005) é o primeiro conjunto de cartas escritas na guerra colonial de Angola a ser publicado em Portugal. A maioria dos aerogramas e cartas de ex-combatentes que alcançou visibilidade encontra-se publicada de forma dispersa em revistas, jornais e sites dos próprios ex-combatentes³. A publicação das cartas revela uma singular experiência de guerra, evidencia um cotidiano até então mal conhecido, apenas entrevisto nas páginas dos romances publicados a partir da década de 1970 – em que António Lobo Antunes tem grande participação –, que abriram discussões novas sobre um tema ainda pouco explorado pela historiografia portuguesa.

Em seu diagnóstico, Maria José Lobo Antunes⁴ afirma que:


Com a publicação das cartas, todos os leitores poderiam aceder ao mundo de experiência do quotidiano de guerra em Angola. É

¹ Este texto é uma versão relida e resumida do segundo capítulo da dissertação “As Cartas da Guerra, de António Lobo Antunes: memória, história, laboratório de escrita”, defendida no Programa de Pós-Graduação *Literatura, Cultura e Contemporaneidade* da PUC-Rio.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação *Literatura, Cultura e Contemporaneidade* do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. Fez mestrado no mesmo programa, onde defendeu a dissertação “As Cartas da Guerra, de António Lobo Antunes: memória, história, laboratório de escrita”. Graduado em História pela UFRJ. Bolsista de doutorado do CNPq.

³ Passados 11 anos de publicação das cartas de António Lobo Antunes, poucos livros e projetos foram realizados com o vasto acervo epistolar da guerra colonial, como, por exemplo, os livros memorialísticos *Morto por te ver* (2007), de Cesário Costa e *O Salazar nunca mais morre: Cartas de África em tempos de guerra e amor* (2009), de Manuel Beça Múrias. Ver em: COSTA, Cesário. *Morto por te ver: cartas de um soldado à namorada (Angola, 1967-1969)*. Lisboa: Afrontamentos, 2007 e MÚRIAS, Manuel Beça. *O Salazar nunca mais morre: Cartas de África em tempos de guerra e amor*. Lisboa: Planeta, 2009.

⁴ ANTUNES, Maria José Lobo. *Regressos quase perfeitos - Memórias da guerra em Angola*. Lisboa: Tinta-da-China, 2015.



precisamente neste sentido que as narrativas pessoais de guerra constituem o mais poderoso dos memoriais. É através das imagens em si contidas, do tom e das histórias que contam, que emerge a “recordação colectiva vicária”, memória em segunda mão nascida do cruzamento de muitas memórias de outros [...] (ANTUNES, 2015:368).

A publicação das *Cartas da Guerra* de Lobo Antunes abre espaço para o crescimento do interesse pelas perplexidades que marcaram o período de passagem de um sistema colonial para o processo de descolonização. Mas as cartas do escritor português também se revestem de um interesse que ultrapassa o seu carácter documental; nelas, a escrita literária ganha espaço em meio a uma espécie de transtorno da linguagem em virtude da guerra, aspecto que marca decisivamente os primeiros romances do escritor.

A singularidade das *Cartas* dentro da epistolografia publicada em Portugal consiste no fato de ser uma troca de correspondência – mesmo que a publicação tenha revelado apenas as cartas enviadas por Lobo Antunes – entre um homem na guerra em Angola e uma mulher em Portugal, ou seja, entre um emissor e uma destinatária concretos, e não indeterminados, além de não ser apenas uma correspondência literária. Mais do que cartas de amor – com os excessos das saudações iniciais, das despedidas apaixonadas e repletas de cunho sexual –, estas cartas formam um dos curiosos registros da guerra colonial e do seu impacto nas vidas de pessoas comuns. É uma forma de descrever e narrar a guerra:

O imediatismo das cartas enviadas da frente tornam-nas a mais pura versão da guerra, combinando o quotidiano anônimo e os acontecimentos excepcionais, o banal e o insólito, num registro que conserva intacta a estranheza da experiência de guerra. Narrativas como estas (cartas, diários e memórias) constituem “actos de comemoração” que fixam as vidas e memórias das pessoas que nela participaram (ANTUNES, 2015:368).

As *Cartas* são, portanto: a) o retrato “quase diário”⁵ do cotidiano da guerra (da necessidade de sobrevivência) e da brevidade do tempo que vive o seu emissor; b) um espaço de escrita sem o intuito de durabilidade.

⁵ A escrita das cartas é interrompida em três períodos diferentes durante a missão militar: a primeira nas férias de António Lobo Antunes em Lisboa (35 dias em Lisboa, do dia 16 de Setembro de 1971 até 02 de

O meu objetivo, neste texto, é o de propor uma análise preliminar das cartas como documentos históricos que permitem interrogar uma parte do discurso oficial construído em torno da experiência colonial portuguesa em Angola.

A Comissão de Artilharia (CART) 3313


Em 6 de janeiro de 1971, o Batalhão de Artilharia 3835 partiu de Lisboa para Angola com mais três batalhões, três companhias e dois pelotões independentes a bordo do paquete Vera Cruz. Mobilizado⁶ em Julho de 1970 na unidade do Grupo de Artilharia Contra Aeronaves 2 (GACA 2), estacionada na região de Torres Novas, o batalhão iniciou suas atividades no mês de Setembro, convocando dezoito oficiais, sete sargentos e vinte e oito cabos milicianos para a Escola Preparatória de Quadros. No final do mês, deu-se início à preparação dos quatrocentos praças que integrariam o batalhão na frente de guerra, todos convocados às pressas e com destino ainda incerto⁷. Em Novembro, dois meses depois da primeira preparação, o batalhão partiu para o Campo Militar de Instrução de Santa Margarida para serem integrados à Companhia de Comandos e Serviços e as companhias operacionais que seriam, em breve, destacadas para as regiões africanas. Como destaca a antropóloga Maria José Lobo Antunes na tese de doutorado *Regressos quase perfeitos* (2015),

Foi em Santa Margarida que os elementos de todo o Batalhão – Companhia de Comandos e Serviços e as três companhias operacionais – tiveram a Instrução de Aperfeiçoamento Operacional [IAO] que, durante cerca de três semanas, os iria preparar para a realidade angolana (ANTUNES, 2015:107).

Novembro de 1971); a segunda “entre Abril e Julho de 1972, com a chegada da família a Marimba”; e a terceira entre Agosto de 1972 e Janeiro de 1973, com o regresso da família a Marimba. Ver em: LOBO ANTUNES, António. Prefácio. In: *D’Este viver aqui neste papel descripto – Cartas da Guerra*. Lisboa: Printer Portuguesa, 2005, p. 11-12.

⁶ O quadro da Guerra Colonial no início da década de 1970 se caracterizava, entre outras coisas, pela: a) longa duração (nove anos até 1970, 1961-1970); b) expansão da guerra, travada em diversos territórios (Angola, Guiné e Moçambique); c) dimensão heterogênea dos territórios de batalha, além de serem distantes entre si, apresentando condições geográficas e climáticas bastante distintas em relação à Europa; d) acirrada e explosiva deflagração dos conflitos. Estas razões levaram ao surgimento do BART 3835, Batalhão criado para conter a expansão “terrorista” pelos territórios.

⁷ Cf. ANTUNES, 2015:105. Não se sabia naquela altura quais seriam as regiões que o Batalhão deveria ser mobilizado. Dentre as opções que o exército português poderia escolher (Guiné, Moçambique e Angola), a região que mais assustava aos soldados era a Guiné, que apresentava uma enorme situação de insegurança no ano de 1970, após a divulgação de informações que as tropas de Amílcar Cabral haviam assassinado três oficiais portugueses e abatido um helicóptero que transportava quatro deputados para a região africana.




A notícia de que o BART 3835 seria mobilizado para Angola só foi confirmada entre os meses de Setembro e Novembro de 1970; ou seja, durante a preparação de toda a tripulação no Campo Militar de Santa Margarida. É importante destacar dois comentários de ex-combatentes e soldados do batalhão entrevistados por Maria José Lobo Antunes que ilustram a angústia e o desespero das notícias de última hora:

Há uma informação do quartel-general, uma coisa do género de “Você vai formar batalhão, vai para Torres Novas porque vai para Angola”. Não estava à espera, de maneira nenhuma. Isto desestabiliza um bocado, para não dizer muito. De qualquer das maneiras, do mal o menos, o raciocínio foi exactamente este: não é Guiné, entre Moçambique e Angola talvez Moçambique fosse um bocado melhor, mas as notícias que chegavam cá não eram famosas na zona norte de Moçambique. Portanto foi encarar isto como foi possível, não é? (*Joaquim Mestres, ex-alferes miliciano*) (ANTUNES, 2015:106).

Quando sou mobilizado vieram-me as lágrimas aos olhos. Eu não sei, eu vi estrelas! Não desmaiei ali porque não calhou. Eu nunca pensei que ia [para Angola]. Quando fui chamado [pelo altifalante] pensei que eram mais dois mesitos e ia para casa. Foi, foi! Vais para casa vais, durante dez dias, depois apresentas-te em Santa Margarida. Foi um choque, naqueles dez dias andava a contar a desgraça (*João Marques, ex-cabo condutor*) (ANTUNES, 2015:106).

O Campo Militar de Santa Margarida foi o único espaço de treinamento que o BART 3835 teve, ainda em Portugal, para realizar simulações de guerra – desde o treinamento para se defender de ataques e emboscadas, até a preparação psicológica para suportar a guerra⁸. Foi em Santa Margarida, durante as três semanas de preparação e imersão às inúmeras possibilidades de guerra, que os soldados, cabos, agentes e médicos se conheceram. Foi neste momento que o jovem António Lobo Antunes, aos 28 anos, recém-formado em medicina, conheceu os companheiros que elogiou nas cartas à companheira. Um dos poucos tripulantes do BART 3835 que não era militar, Lobo Antunes foi convocado pouco antes da partida para Santa Margarida, sendo alistado com outros dois médicos para o Estado-Maior do Batalhão, “composto pelos comandos

⁸ Como explica o depoimento do ex-furriel miliciano Avelino Silva à Maria José Lobo Antunes: “O IAO era fazer umas simulações do que se poderia passar. Íamos com armas a caminhar e havia uns assaltos, uma espécie de emboscadas, para nos adaptarmos minimamente àquilo. Mas se quer que lhe diga, nunca foi uma coisa muito levada à sério, estávamos muito longe de estar preparados [para o que iria acontecer]! No IAO às vezes havia uns petardos, umas coisas para ver como a gente reagia. Era mais psicológico, para estarmos preparados para isso.” (ANTUNES, 2015:107)




e por oficiais subalternos de especialidades diversas” (ANTUNES, 2015:364-365).
Como informa Maria José Lobo Antunes,

O Estado-Maior do Batalhão era constituído pelo primeiro e segundo comandante (um tenente-coronel e um major, ambos do Quadro Permanente) e por sete oficiais subalternos: alferes milicianos de transmissões, reabastecimento e manutenção [de] automóvel, três alferes médicos e um alferes capelão (ANTUNES, 2015:365).

Após toda a preparação que o Batalhão recebeu da Instrução de Aperfeiçoamento Operacional [IAO], em Santa Margarida, os mais de quatrocentos homens foram liberados para um curto período de férias até a convocação final, no dia 5 de Janeiro de 1971, quando deveriam se apresentar para o embarque no paquete Vera Cruz, na região de Alcântara, em Lisboa. Na manhã do dia 6 de Janeiro de 1971, uma quarta-feira, os 510 homens do BART 3835 zarparam para Luanda com a missão, agora definida, de “policiar a fronteira com a Zâmbia, para não permitir a entrada dos elementos do MPLA que tenta[va]m, aí, estabelecer um corredor até o norte” (LOBO ANTUNES, 2005:19). Como Lobo Antunes informa na segunda carta à companheira, “ainda de bordo do Vera Cruz”, em 14 de Janeiro de 1971, o plano de instalação já havia sido conhecido durante a travessia:

Em princípio, ficaremos em Luanda (no Grafanil) seis ou sete dias, e depois faremos uma horrível viagem de 2.000 km de camioneta até Nova Lisboa, de comboio até ao Luso, já armados e escoltados, e de camioneta de novo, até Gago Coutinho: 6 dias sempre em movimento, com as consequências inerentes e os perigos respectivos, de modo a chegarmos cerca do fim do mês, para uma estadia que deve demorar 14 ou 15 meses, antes do recuo para uma zona melhor (LOBO ANTUNES, 2005:18-19).

Logo depois de desembarcar em Luanda, no dia 15 de Janeiro, nove dias após a partida de Alcântara, o BART 3835 foi deslocado e fixado por uma semana no Campo Militar do Grafanil, primeiro estágio em que o batalhão entra em contato com a região angolana. Como Lobo Antunes comenta, “o Grafanil é Santa Margarida ao cubo, no desconforto e no resto de mau” (LOBO ANTUNES, 2005:21). Foi nesta região que a realidade da guerra e da região africana começou a se colocar para os soldados treinados em Portugal. O extremo calor da cidade de Luanda, a grande população que os observa




“com uma curiosidade de conspiradores” (LOBO ANTUNES, 2005:22), as inúmeras chuvas torrenciais que terminavam abruptamente e davam lugar ao retorno do calor escaldante, a vastidão de insetos e bichos peçonhentos que se alastravam pela terra seca e a extrema pobreza da população, são algumas das percepções iniciais que as cartas de Lobo Antunes revelam. A experiência inaugural do jovem bem criado do bairro de Benfica, experiência de formação e de transformação, se impõe como um conjunto de imagens incômodas:

Luanda está longe de ser uma cidade visível: toda ela é uma espécie de Areeiro de província, com o mesmo pretencioso gosto suburbano, e os brancos daqui têm todos os mesmo indefinível aspecto dos vendedores de automóveis daí, de patilhas sem classificação social, camisas transparentes, e mulheres tipo locutoras de rádio, demasiado bem vestidas para serem inteiramente honestas. Os musseques são uma espécie de bairro da Boavista ampliado, em que os moradores fossem todos jogadores do Benfica. Só a terra é que é vermelha, como a areia dos estádios, e as noites cheias de murmúrios de insectos e de folhas, mergulhadas num mormaço de suor (LOBO ANTUNES, 2005:21).

Que cidade horrível. É como passar um domingo em Benfica na Esplanada da Estrela Brilhante, com o chão cheio de tremoços e de detritos. Uns negros aleijados arrastam-se a pedir esmola, outros oferecem cinzeiros de madeira, objectos esculpidos, jornais, farrapos e miséria. Nunca pensei vir encontrar tanta pobreza, tanta porcaria, tanto calor (LOBO ANTUNES, 2005:22).

Na ingenuidade das primeiras comparações com as zonas mais pauperizadas de Lisboa, a cidade de Luanda é descrita como a região do Areeiro; os brancos em Angola são todos *como* os vendedores de automóveis portugueses; as mulheres angolanas são *como* as locutoras de rádio portuguesas; os musseques⁹ são *como* bairros da região de Boavista; um dia em Luanda é *como* “um domingo em Benfica na Esplanada da Estrela Brilhante”. A observação comparativa expõe o estágio inicial do estranhamento inevitável de um jovem médico lisboeta imerso na paisagem dos musseques de Luanda. Ao mesmo tempo em que as primeiras descrições sobre Luanda são carregadas de desconforto e indiferença, em suas cartas o jovem destaca sempre a precariedade do quartel, o incômodo com as instalações do Grafanil, a miséria social da população

⁹ Bairros populares da periferia de Luanda. Ganham este nome pelo local onde geralmente estão localizados, em regiões de solo arenoso.



angolana e a relação estranha dos soldados portugueses com os “pretos”. Percepções semelhantes também aparecem nas memórias dos ex-combatentes e nas cartas de Lobo Antunes, onde o atraso dá lugar a uma percepção mais clara acerca da modernidade urbana e cosmopolita.


Passada a semana de preparação no Grafanil, já armados e vacinados para a guerra, o BART 3835 começou a informar às Companhias de Artilharia quais as zonas operacionais que deveriam proteger no primeiro ano de comissão. Coube à CART 3313 a responsabilidade pela proteção e fiscalização do subsector de Gago Coutinho, atual Lumbala Nguimbo. Responsável pelo atendimento da Companhia de Artilharia 3313, Lobo Antunes começa a preparar a companheira para os próximos dias difíceis que viriam com suas novas missões:

O optimismo não é muito, porque os comandos estão bastante desanimados e pessimistas, e o quadro da nossa vida nos próximos meses não vai ser, ao que eles dizem, muito agradável. O 2º comandante repete a quem o quer ouvir que não poderemos, decerto, fazer mais nada do que tentar subsistir – o que não é muito aprazível (LOBO ANTUNES, 2005:24).

A apreensão de António Lobo Antunes neste trecho da carta se justificava pela realidade da região do extremo leste de Angola na década de 1970. Com um território marcado por fortes conflitos desde o começo da guerra em 1961, o leste de Angola é composto por quatro distritos próximos entre si (Moxico, Lunda, Bié e Cuando Cubango) e pela parte mais ao sul do distrito de Malanje¹⁰, região importante por sua proximidade com a costa atlântica. Nestes territórios Lobo Antunes passou a sobrevoar durante o primeiro ano de comissão, prestando assistência aos soldados portugueses surpreendidos por ataques “terroristas” ou vítimas do cotidiano da guerra.

Com partida no dia 22 de Janeiro para Gago Coutinho, o BART 3835 realiza uma viagem de “11 horas de camioneta através de sei lá de que estradas...” (LOBO ANTUNES, 2005:25) até Nova Lisboa, onde são incorporados mais 123 homens para o

¹⁰ Cf. AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos Matos. *Os anos da guerra colonial*, 2010, p. 335. O distrito de Malanje, como nos informa Aniceto Afonso e Carlos Gomes, era importante pela localização e proximidade com a Companhia Diamang: “Para o Estado Português, o Leste de Angola eram a Diamang, a Companhia Mineira do Lobito (minas da Cassinga) e o Caminho-de-Ferro de Benguela, fontes de receitas e de relações com a alta finança mundial e instrumento de pressão com a Zâmbia”.



batalhão, que seriam distribuídos pelas companhias. De Nova Lisboa, partem novamente em viagem até Gago Coutinho, aonde chegam após sete dias de uma longa e cansativa viagem de dois mil quilômetros. Em carta do dia 27 de Janeiro de 1971, Lobo Antunes narra a “viagem apocalíptica” (LOBO ANTUNES, 2005:27) que o batalhão fizera entre Nova Lisboa e o Luso, e quais seriam as previsões para o futuro na guerra:

[...] partimos às 3 horas da manhã dia 22, em autocarros tipo Claras [“Empresa portuguesa de transportes da época”], de Luanda para Nova Lisboa, através de um cenário maravilhoso, mas que à 23ª hora começou a cansar-me. Chegámos de madrugada a Nova Lisboa, dormimos nas camionetas, e às 3 da tarde do dia 29 (ou 23?), depois de 600 km de autocarro, meteram-nos no comboio para o Luso: 2 dias de viagem em vagões de 4ª classe – essa famosa invenção dos ingleses para os habitantes do 3º mundo, e que a companhia dos caminhos de ferro de Benguela inglesmente adoptou –, em grandes molhos de pernas e de braços, de armas e de cabeças (LOBO ANTUNES, 2005:28).

[...] em princípio ficarei aqui 4 meses, e irei, semanalmente, de avião, ao Cessa e Mussuma, onde há 2 pelotões destacados. Nos 4 meses seguintes partirei para Ninda, ou Chiúme, onde estão as companhias operacionais, e andarei de um lado para o outro, na picada, de viatura (LOBO ANTUNES, 2005:29).

Logo ao chegar, ao primeiro contato com Gago Coutinho, Lobo Antunes escreve: “Isto é o fim do mundo: pântanos e areia. A pior zona de guerra de Angola [...]” (LOBO ANTUNES, 2005:29). A guerra começava para o médico alferes. Deslocando-se dia e noite entre os destacamentos do batalhão, vivenciando a precariedade da máquina de guerra portuguesa e as desvantagens dos soldados portugueses frente ao numeroso e motivado exército inimigo, além das condições inóspitas dos terrenos. As cartas pontuam momentos vivenciados por um jovem médico que, paulatinamente, relata a sua transformação individual em meio ao contexto de exceção. Nos dois anos seguintes de comissão, as cartas se tornaram o espaço de transposição da experiência singular para o território da escrita: fortes ataques aos quartelamentos, explosões de minas, dilaceramento de tropas, baixas de soldados “camaradas” e a tensão constante pela proximidade do inimigo. Esses elementos foram, muitas vezes, reativados na ficção publicada pelo escritor a partir de 1979.

O desconforto com a guerra e a tensão do ataque iminente


Como já foi colocado, a guerra é pautada, desde o início, pela separação do jovem Lobo Antunes de sua família, pelo temor com o cotidiano da guerra colonial e pela ansiedade e incerteza com o futuro da Comissão. Os primeiros dias em Gago Coutinho¹¹ são marcados pela angústia de saber se e quando irá voltar para Portugal e, consequentemente, pelo arrependimento de não ter vivido, até ali, mais intensamente a vida: “sinto-me tão arrependido de não termos ido dançar mais vezes” (LOBO ANTUNES, 2005:18). As primeiras impressões da guerra resumem-se a “um sentimento de perda irreparável” (LOBO ANTUNES, 2005:23), agravando-se à medida que se aproximam de Gago Coutinho. Com a chegada à zona de operação, Lobo Antunes declara: “começou a guerra a sério para nós” (LOBO ANTUNES, 2005:35). As primeiras narrativas já descrevem o desconforto com que as tropas terão de se acostumar pelos próximos dois anos, marcados, entre outros fatores, pelo perigo iminente. Sucessivas são as descrições de tensão no teatro da guerra:

E depois veio o inferno, ou inferno maior, o sétimo inferno inversamente comparável ao 7º céu de Maomé: agarram em nós e meteram-nos em camionetas de carga para os 500 km minados que separam Luso de Gago Coutinho: dois bate-minas à frente [...] e depois uma extensa fila de carros, onde seguíamos de arma apontada *numa tensão de ataque iminente* (LOBO ANTUNES, 2005:29, grifo nosso).

Mais três minas, de novo sem consequências, e algumas mulheres e crianças capturadas. O resto é a tensão do costume, *à espera de um ataque que felizmente não tem vindo, apesar das ameaças deles na rádio de que vão arrasar Gago Coutinho*. Ao mínimo estalido todos nos sobressaltamos [...] (LOBO ANTUNES, 2005:44, grifo nosso).

Mais 3 minas, felizmente sem consequências – o terreno arenoso dispersa um bocado a potência da explosão -, uma espécie de flagelação, apenas por armas ligeiras, e portanto, inocente, aqui a Gago Coutinho, e, sobretudo, muitas ameaças escritas deixadas na picada (LOBO ANTUNES, 2005:42).

¹¹ Cf. LOBO ANTUNES, 2005:51. Na carta do dia 13.2.71, quando Lobo Antunes faz uma das descrições de Gago Coutinho à interlocutora: “[...] para fazeres uma ideia do sítio em que me encontro basta dizer que um cabo, que estava em Nambuango, foi castigado por uma coisa qualquer e mandado, de castigo, para aqui! Não me tinha apercebido que isto fosse assim tão mau, palavra. Mas deve ser, porque um dos capitães, um tipo muito simpático e fino chamado Basto, leva a vida a dizer que preferia mil vezes estar na Guiné – onde, de resto, já passou 4 anos. E os oficiais que conheceram outros sítios, que de nome pensava serem horríveis, suspiram todo o dia por eles...”.




O desconhecimento do território e a falta de estrutura para detectar a presença de inimigos nas proximidades obrigavam a todos a uma espécie de estado permanente de alerta, “que ao menor barulho escutado armas eram empunhadas” (ANTUNES, 2015:207). Não bastasse o solo forrado de minas e o medo de prováveis ataques, o dia a dia da guerra também estava marcado pelas ameaças radiofônicas do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), pelas emboscadas que o exército português sofria nos constantes deslocamentos e na percepção de que estavam em desvantagem em número de homens e de armas¹² frente ao inimigo.

A precariedade da infraestrutura militar portuguesa e o sucateamento dos transportes, com os caminhões que partem a direção e atiram-se à vala (LOBO ANTUNES, 2005:29), os aviões que “passam a tossir” (LOBO ANTUNES, 2005:36) e as “minúsculas pistas precárias” (LOBO ANTUNES, 2005:32) de voo, tornavam a guerra um evento que estava além da capacidade daqueles que partiam “ao fim do mundo” (LOBO ANTUNES, 2005:97):

É incrível a guerra que aqui fazemos, sozinhos e sem meios, contra um inimigo cada vez mais numeroso e bem preparado. E pensava eu vir para uma zona de sossego, onde apenas se punha o problema do isolamento, da solidão e das saudades! [...] Mas, atirar conosco para este vespeiro nos confins do deserto, onde tudo falta e nada há é realmente doloroso, sobretudo para os soldados. Neste ritmo, que já de início, levamos, quantos chegarão ao fim? (LOBO ANTUNES, 2005:48).

Esta passagem demonstra a capacidade que essas cartas têm de revelar as condições enfrentadas pelos militares portugueses nas guerras coloniais. Enquanto a propaganda oficial portuguesa se ocupava de fazer circular discretamente a ideia de que a supremacia portuguesa nos espaços africanos era uma nobre missão patriótica e civilizatória, as anotações de Lobo Antunes captam uma outra realidade, evidenciando a precariedade da estrutura com que os militares contavam para tentar resistir ao conflito. As notícias que vão chegando aos poucos, a partir do dia 7 de Fevereiro de 1971, sobre uma ocorrência envolvendo os trinta homens que estavam alocados no distrito de Mussuma e não respondiam aos chamados da base de comando, em Gago Coutinho, pode oferecer uma versão que contrasta com o discurso oficial português:

¹² Como Lobo Antunes registra na carta de 5.2.71: “[...] os tipos já estão melhor armados do que nós, com canhões sem recuo e morteiros 82, que nós não temos” (LOBO ANTUNES, 2005:42).



[...] andamos todos um bocado preocupados: os 30 infelizes que estão em Mussuma junto à Zâmbia, [...] não respondem a chamada nenhuma. Vai partir agora daqui uma coluna de socorro, todos de lenços vermelhos ao pescoço como na Sierra Maestra (LOBO ANTUNES, 2005:45-46).

Quatro dias depois, em 11 de Fevereiro de 1971, após outros momentos de aflição, Lobo Antunes informa a sua correspondente do caso que envolveu os homens de Mussuma: “[...] o grupo perdido foi finalmente detectado e salvo, e o comandante distribuiu whisky aos oficiais para comemorar o facto” (LOBO ANTUNES, 2005:50).


No dia 9 de Fevereiro, no interregno das notícias enviadas sobre Mussuma, toda a tropa em Gago Coutinho acordou no meio da noite “ao som de tiros” (LOBO ANTUNES, 2005:47), precisando ser evacuada, no dia seguinte, para o Luso, no avião próprio para estes deslocamentos. No entanto, enquanto transferiam os feridos, já em viagem, Lobo Antunes relata que o comboio sofreu “uma emboscada à metralhadora e à granada” (LOBO ANTUNES, 2005:48):

[...] e aqueles estúpidos, em vez de responderem dispersaram. Ficaram 5 que conseguiram trazer os 3 feridos depois de uma caminhada de 36 horas, nas chanas e nas dunas. Deve ter sido uma aventura horrível. Entretanto, o resto do grupo de combate anda perdido, e reina aqui uma febre de excitação enervada. Provavelmente, pensa-se, foram já aprisionados, e, ficamos assim, cheios de baixas (LOBO ANTUNES, 2005:48).

E na carta do dia 11 de Fevereiro de 1971, informa do triste desfecho do caso:

Dos feridos gravíssimos de ontem – três sujeitos cheios de balas – não há notícias, mas espero que se salvem. Entretanto, o morto – o guia – foi abandonado na mata às feras (LOBO ANTUNES, 2005:50).

As ameaças psicológicas que os “terroristas” impunham aos portugueses eram também formas específicas de enfraquecer o inimigo. Nas proximidades do aniversário do MPLA, em 4 de Fevereiro de 1971, as ameaças começam a crescer ao ponto de Lobo Antunes escrever, em uma das cartas, que: “encontraram-se, por aqui, papelada vária anunciando ataques para os dias 3, 4 e 5, em que se comemora o aniversário do MPLA” (LOBO ANTUNES, 2005:36). De Ninda, Lobo Antunes relata em 2 de Fevereiro de 1971:



Hoje, estava em Ninda, fazendo *a consulta dos nativos* quando ouvi um estrondo abafar e uma subida de fumo. Uma mina tinha acabado de rebentar debaixo de uma viatura nossa, com seis feridos, felizmente pouco graves. O ataque à morteirada, acabou por ter poucas consequências devido a uma sorte incrível. Havia estilhaços por todo o lado. Um deles foi entrar no quarto de um oficial e partiu o fio do candeeiro meio metro acima da cabeça dele. A rádio da Zâmbia, que ouvimos todas as noites, declarou ter feito 3 mortos e 16 feridos, e anuncia para amanhã, dia 4, aniversário do MPLA, o nosso total aniquilamento (LOBO ANTUNES, 2005:39, grifo meu).

As repetidas ameaças, por escrito ou pelo rádio da Zâmbia, de ataques do MPLA faziam com que, no próprio dia 4 de Fevereiro, as tropas portuguesas ficassem em alerta máximo:


O tempo continua a passar com uma lentidão de conta-gotas, e hoje, aniversário do MPLA, vivemos numa prevenção enérgica e vagamente aflita. [...] É agora à noite, e há gente armada por todo o lado, holofotes e fogueiras, como uma espécie africana e guerreira de São João (LOBO ANTUNES, 2005:40).

A guerra que, aos poucos, vai se tornando “imutável, petrificada” (LOBO ANTUNES, 2005:410)¹³, começa a alterar aqueles que lá estão. Os ataques permanecem, mas “começa[m] a tornar-se apenas um hábito incómodo” (LOBO ANTUNES, 2005:189). À medida que o tempo de comissão vai passando e Lobo Antunes vai se acostumando às situações de guerra, com explosões de mina, ataques de metralhadora e noites mal dormidas, o desgaste do conflito vai se acumulando. Com a distância temporal em relação aos entes queridos, e com as várias incertezas, das quais se destacam a mudança para locais de maior operacionalidade da guerra, vai-se percebendo que, efetivamente, já não é possível voltar a ser o mesmo. As cartas, cada vez mais, tornam-se “a coisa mais importante que aqui temos” (LOBO ANTUNES, 2005:77).

Referências bibliográficas

AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos Matos. *Os anos da guerra colonial*. Quidnovi Editora, 2010.

¹³ Cf. LOBO ANTUNES, 2005:416. “A minha vida rola com a monotonia habitual. Depois de uma tremenda agitação guerreira tudo voltou mansamente à paz inicial, as tropas de reforço partiram, o comandante foi-se.”



ANTUNES, Maria José Lobo. *Regressos quase perfeitos - Memórias da guerra em Angola*. Lisboa: Tinta-da-China, 2015.

COSTA, Cesário. *Morto por te ver: cartas de um soldado à namorada (Angola, 1967-1969)*. Lisboa: Afrontamentos, 2007.

LOBO ANTUNES, António. *D'Este viver aqui neste papel descripto – Cartas da Guerra*. Lisboa: Printer Portuguesa, 2005.

MÚRIAS, Manuel Beça. *O Salazar nunca mais morre: Cartas de África em tempos de guerra e amor*. Lisboa: Planeta, 2009.

